



IDeIAS

Informação sobre Desenvolvimento, Instituições e Análise Social

A mulher Maconde internamente deslocada em terra Muani e Macua: tensões étnicas ou luta por recursos escassos?

Sérgio Chichava e Júlio Rito

A guerra movida pelo grupo islamista Al Shabaab, e que assola a província de Cabo Delgado desde 5 de outubro de 2017, tem levantado uma série de questões sobre as suas razões e motivações. Uma das razões seria a animosidade étnica entre os Muanis e Macuas contra os Macondes. Yussuf Adam avança a ideia de tensões étnicas opondo Muanis e Macuas, maioritariamente muçulmanos, aos Macondes, predominantemente cristãos e que, em virtude da sua ligação histórica com a Frelimo, que data da sua participação na luta armada contra o colonialismo português desde os anos 1960, seriam o grupo política e economicamente dominante na província. Mais concretamente, estas tensões girariam em torno do acesso a terras férteis e do facto dos Macondes ocuparem altas posições políticas, contrariamente aos outros grupos étnicos de Cabo Delgado (VOA Português, 2017). De acordo com esta tese, tratar-se-ia de um grupo basicamente composto por muçulmanos (Muanis e Macuas) agastados pela opressão dos Macondes maioritariamente cristãos. Entretanto, a dinâmica do conflito parece ser muito mais complexa, pois o grupo é também composto por indivíduos da etnia Maconde, muçulmanos ou cristãos (que depois adoptaram a ideologia do Al Shabaab). Mais ainda: os alvos do Al Shabaab não se circunscrevem a um único grupo étnico, muito menos a uma religião ou regiões habitadas predominantemente por certos grupos étnicos. Entretanto, se a guerra não mostra motivações étnicas, tal não impede o surgimento de tensões entre grupos étnicos, particularmente entre os deslocados de guerra e as comunidades acolhedoras.

Com base em 40 entrevistas feitas a mulheres, entre Novembro e Dezembro de 2023, nas províncias de Cabo Delgado e Nampula, e centrando-se em particular na vida das mulheres Macondes internamente deslocadas, este artigo pretende analisar as razões por detrás das tensões entre estas e as mulheres Muanis e Macuas das comunidades acolhedoras¹.

De uma forma geral, a situação descrita neste documento reflete as dificuldades enfrentadas pelos Macondes nos locais de acolhimento, particularmente em terras Muanis e Macuas. Igualmente, usando o exemplo da mulher Maconde para retratar a vida dos deslocados Macondes de uma forma geral tem dupla importância: mostra o sofrimento da mulher por ser Maconde em si mas também o seu sofrimento enquanto que mulher visto que ela é a maior vítima deste conflito militar, independentemente da sua etnia. O argumento avançado aqui é de que estas tensões se explicam menos pela pertença étnica, mas, sim, pela luta pelo acesso a recursos num contexto de escassez. Igualmente, usa-se o exemplo das mulheres para retratar a convivência diária entre os diferentes grupos étnicos (Muanis, Macuas e Macondes) no contexto da guerra que assola a província de Cabo Delgado.

“Nós não gostamos de Macondes”

Em resultado da guerra em Cabo Delgado, o deslocamento de pessoas de uma região para outra, à procura de segurança, tem sido uma constante. Entretanto, nas terras de acolhimento, a convivência diária tem sido caracterizada por certas animosidades entre os deslocados e os “donos” da terra. Meconta, terra predominantemente Macua e que, devido a sua proximidade com Cabo Delgado recebe muitos deslocados, é um dos locais onde essa tensão tem se registado. Uma mulher Maconde proveniente de Muidumbe em Cabo Delgado conta as peripécias pelas quais tem passado em Meconta:

“Não sei. Porque não sei o que é que o Maconde tem, que eles [os Macuas e Muanis] não gostam, não sei, porque a maioria, sempre discutia connosco. Sempre dizia, Maconde não presta, Maconde isto e aquilo. Uma vez minha mãe perguntou a um Macua: você sempre que discute comigo ou fala comigo, você diz que não gosta de Maconde. O que é que Maconde tem de errado? Ou o nosso erro é de sermos deslocados ou você não se entende com o Maconde já há muito tempo? Muitos Macuas não gostam de Maconde, não sei porquê. Maconde e Macua, não se entendem, não sei porquê... (Entrevista com Beatriz Costa, Meconta, 07 de Dezembro de 2023)”

A mesma mulher conta casos em que são “proibidas” de falar a língua Maconde em alguns locais de Meconta, alegadamente porque estariam a falar mal dos Macuas:

“Tem outras [pessoas] aqui em Meconta que, quando nos ouvem a falarmos nosso dialeto, dizem: estes Macondes já começaram e dizem não falem vossa língua aqui porque nós não percebemos, não falem vossa língua aqui senão vão nos insultar. Ficámos com medo e deixamos de falar. Mas nós não estamos a insultar a eles (Entrevista com Beatriz Costa, Meconta, 7 de Dezembro de 2023)”

As mulheres Macondes referem que, apesar de a guerra estar a vitimar todos os grupos étnicos, apenas os indivíduos da sua etnia são discriminados, como ilustra este relato de uma mulher Maconde refugiada em Meconta:

“Quando há algum problema no seio dos deslocados, os Macuas daqui de Meconta sempre se queixam dos

Macondes só. Eles não percebem que, no meio das pessoas que fugiram da guerra em Cabo Delgado, não há só Macondes, há Macuas e Muanis. Eles pensam que quem vem de Cabo Delgado é Maconde só. Não reclamam dos Muanis; Se você encontrar um Macua só vai ouvir ele reclamar dos Macondes, enquanto fugimos todos para aqui, Muani, Macua, Maconde. Mas basta ser deslocada é considerado Maconde. Parece que em Cabo Delgado não tem outras línguas, parece que só há Macondes só; mas aqui tem Muanis, tem Macuas (Entrevista com Justina Zubaida, Meconta, 7 de Dezembro de 2023).”

Mais do que uma animosidade étnica, algumas destas tensões tem a ver com as práticas religiosas de cada um dos grupos étnicos, como se pode ver na afirmação acima. Os Macuas de Meconta por exemplo, não reclamam dos Muanis (nem doutros Macuas internamente deslocados provenientes de Cabo Delgado) porque praticam a mesma religião, sendo por isso culturalmente próximos. O testemunho abaixo reforça o nosso argumento:

“Antes de serem reassentados [os deslocados], você encontrava vinte, trinta numa única casa, Muanis, Macuas e Macondes. Só que havia confusão entre eles; o conflito era entre eles, porque diziam que os Macondes comem carne de porco, os Muanis e os Macuas não comem e gera confusão entre eles. Foi quando [as autoridades] lhes separaram, levando os Macondes para outro reassentamento (Entrevista com Maria Vaz, Montepuez, 7 de Novembro de 2023).”

Mas também tem a ver com a luta pelo acesso aos recursos (terra, água, comida, vestuário, etc) que são escassos naqueles locais. Existe o receio de que, com a chegada dos deslocados, possa haver maior disputa pela posse da terra para agricultura, por exemplo. Toda, senão a maior parte das famílias rurais, vive da agricultura e, com o aumento da população, há cada vez mais tensões em torno da terra.

Muitas destas disputas, que depois parecem ter contornos étnicos, acontecem nos locais onde os deslocados e as populações locais recebem ajuda humanitária por parte do governo e das agências de ajuda fazem agricultura nos locais onde as populações buscam água potável. Josina Kota, jovem Maconde refugiada em Meconta, retrata um caso de disputas nas filas onde as populações se concentram para receber ajuda:

¹ Para efeitos desta publicação, as entrevistas foram anonimizadas.

“Se um Maconde for a primeira pessoa na bicha [fila] para receber comida, eles [os Macuas] não gostam. É daí que começa a discussão e depois dizem Maconde é isto e aquilo, é confuso. Eles pensam que vamos acabar comida. (Entrevista com Josina Kota, Meconta, 7 de Dezembro de 2023)”

Estas tensões não ocorrem só em Nampula. Também tem se registado nalgumas partes de Cabo Delgado. Por exemplo, algumas mulheres Macondes em Cabo Delgado, que foram forçadas a abandonar os seus locais de origem, relataram casos de discriminação, que a seu ver, ocorrem contra Macondes. Graça Sigamani, Maconde proveniente de Mocimboa da Praia e refugiada no Centro de deslocados de Nanhupo A, Posto Administrativo de Namanhumbir, distrito de Montepuez, província de Cabo Delgado, conta casos de mau atendimento nos serviços públicos contra os Macondes. Explicando o que acontece nos hospitais locais, reitera que, apesar de todos (incluindo os nativos) se queixarem do mau funcionamento hospitalar, a situação dos Macondes é pior:

“...Quando chegarmos no hospital e começarmos a falar a nossa língua materna, basta saber que é deslocado essa aí, é Maconde essa aí, somos mal atendidas”, mesmo se os nativos também se queixam do hospital, para nós Macondes é pior. Dizem: estão a encher no hospital. Voltem para vossa terra (Entrevista com Graça Sigamani, Montepuez; 3 de novembro de 2023)”

As vezes, alegando-se que são “sujas” e não higiénicas em virtude de não serem muçulmanas, as mulheres Macondes são impedidas de tirar águas nos poços e fontanários públicos. Este problema de acordo com os líderes comunitários locais, verificou-se intensamente nos primeiros anos do conflito, estando ultimamente, minimizado. De salientar que Montepuez, apesar de albergar outros grupos étnicos, é zona dominada por Macuas. Aqui, as Macondes não só fazem frente às mulheres Macuas, mas também às mulheres Muanis. É preciso notar a alegação de que as Macondes são impuras também era visível em Meconta.

Constatou-se que, entre as mulheres internamente deslocadas, a maior parte são viúvas, visto que os homens têm sido as maiores vítimas mortais dos ataques e os que são mais recrutados para engrossar as fileiras do grupo Al Shabaab. Em virtude disso, há mais mulheres do que homens, tornando-se estes motivos de disputas: as mulheres Macondes são acusadas de “roubar” os maridos das Muanis e das Macuas, causando divórcios no seio das comunidades acolhedoras.

Ruana António que, à semelhança da Graça Sigamani, é Maconde oriunda de Mocimboa da Praia e refugiada no Centro de deslocados de Nanhupo B, Posto Administrativo de Namanhumbir, distrito de Montepuez, afirmou que as mulheres têm sido acusadas de destruir os lares das mulheres nativas:

“As mulheres nativas nos veem como ameaça. Elas pensam que vamos levar os seus maridos. As nativas se sentem ameaçadas (Entrevista com Ruana António, Montepuez, 2 de Novembro de 2023)”

Por seu turno, as mulheres nativas afirmam que os seus maridos, quando recebem apoio (ajuda alimentar, entre outros), em vez de fazer chegar esta ajuda às suas casas, usam estes produtos para conquistar as viúvas deslocadas. A mesma situação foi constatada em Meconta, onde as mulheres nativas afirmavam ter medo de acolher as mulheres deslocadas, por medo destas roubarem os seus maridos:

“Desconfiança não falta papá, por isso outras tem medo de acolher aqui, se não vai arrancar meu marido. Eu acolhi uma deslocada porque não estive casada. Se estivesse casada também não podia acolher porque ia ter medo de me arrancar marido. Agora que já tenho marido arranjei outro sítio para ela ficar (Entrevista com Fidélia Faruque, Meconta, 11 de Dezembro de 2023).”

Várias mulheres Macuas e Muanis entrevistadas em Meconta apontavam a falta de marido como uma das dificuldades que as mulheres no seio das comunidades enfrentam, como se pode ler na entrevista abaixo com Elisa Jota:

“Um dos problemas que eu vejo aqui na comunidade é de não ter marido. As mulheres que não são casadas sofrem muito, diferente das que estão casadas, que, quando tem um problema, o marido pode ajudar a resolver. Agora as mulheres que não são casadas não têm ajuda. Uma mulher que não é casada, ela pode pernoitar sem jantar. E chegar lá na cama, começar a pensar que, se estivesse casada, hoje ia jantar. Assim que hoje não jantei porque não sou casada (Entrevista com Elisa Jota, Meconta, 11 de Dezembro de 2023).”

Elisa Jota, afirmou ainda que, localmente, as mulheres casadas têm mais prestígio, pois recebem capulanas dos seus maridos, tem um “corpo mais bonito” (porque são bem tratadas pelos maridos), contrariamente às não casadas, que fazem tudo sozinhas, chegando a passar fome.

Destes diferentes depoimentos, pode-se inferir também que as mulheres Macuas ou Muanis, quando dizem que as mulheres Macondes são “sujas” pode ser derivado do facto de se sentirem ameaçadas, daí que, estrategicamente, mobilizam um conjunto de adjectivos e esteriótipos para afasta-las dos seus maridos.

Como explicar estas tensões? Porque elas ganham contornos étnicos?

Mais do que uma questão étnica, estas tensões se explicam mais pela luta no acesso a recursos nomeadamente serviços públicos, ajuda alimentar; água, entre outros que se já eram escassos antes da guerra, ficaram mais exíguos ainda com a chegada dos deslocados. De salientar que algumas mulheres Macuas alegavam que as Macondes estavam a “acabar” água e que, com a chegada dos deslocados, a falta de água tinha se intensificado. Ademais, a luta tem também que ver com a disputa sobre homens (maridos), igualmente fundamental para o acesso aos recursos. O mesmo acontece em relação aos hospitais: os deslocados, neste caso os Macondes, são acusados de sufocar os serviços de saúde local. Se os medicamentos já não chegavam para todos, hoje com a presença dos deslocados, a situação é dramática.

De salientar que as tensões entre Macuas e Muanis de um lado e os Macondes do outro, e que sempre foram interpretadas como sendo étnicas, são antigas. A diferença é que hoje são uma constante, apesar de nunca terem tido contornos violentos como no passado. Por exemplo, em 2005, Moçambique assistiu a um dos incidentes mais graves opondo estes grupos étnicos. Com efeito, após a realização das eleições municipais intercalares de 21 de Maio de 2005 (em virtude da morte do antigo presidente do município) em Mocimboa da Praia, assistiu-se a um dos mais graves conflitos étnicos do Moçambique independente. Estas eleições, oficialmente ganhas por Amadeu Pedro, candidato da Frelimo, por 52% contra 47% de Assane Saide, candidato da Renamo, foram fortemente contestadas por este último. Esta contestação levou a confrontos violentos, os quais teriam provocado a morte de doze pessoas e o ferimento de cerca de quarenta e sete outras e à destruição de inúmeras casas. Certas testemunhas locais teriam afirmado que os Muanis, tidos como politicamente próximos da Renamo, e instrumentalizados por este partido, não teriam aceite serem dirigidos por Amadeu Pedro, um Maconde (grupo étnico que, por razões históricas já referidas, é próximo da Frelimo) natural de Mueda, preferindo Assane Saide, um Muani, natural de Mocimboa da Praia. Na altura, a Frelimo e a Renamo acusaram-se mutuamente de instrumentalização das identidades étnicas. Assim, enquanto, para a Frelimo, a Renamo estava a fomentar o tribalismo no seio do povo com vista a tirar dividendos políticos, para a Renamo, a Frelimo é que estava a instrumentalizar a etnicidade. Segundo o antigo líder da Renamo, Afonso Dhakama, “a Frelimo estava a utilizar os Macondes para atacar os Muanis”².

Uma vez mais, estas tensões se explicam pelo aproveitamento político que se fez das animosidades entre os diferentes grupos étnicos. Na altura, as reclamações dos Macuas e dos Muanis de Cabo Delgado sobre a predominância dos Macondes no seio do Estado eram bastante intensas e facilmente mobilizáveis pelos políticos. Recordar que uma das questões levantadas pelos Macuas durante os protestos era que, se todos os postos no aparelho do Estado eram ocupados pelos Macondes, onde iriam os Macuas “comer”³.

Conclusão

Desta breve análise das relações entre as mulheres Macondes internamente deslocadas e as mulheres Muanis e Macuas nativas pode-se concluir que se estas tensões se exprimem de maneira étnica, ou se a instrumentalização da etnicidade funciona, é porque há uma historicidade que foi nutrida pela manutenção de uma desigualdade verdadeira ou sentida. Ou seja: os Macondes foram sempre vistos pelos Muanis e Macuas, como gozando de muitos privilégios pela sua proximidade histórica com a Frelimo.

Referências

Chichava, Sérgio (2008). “Por uma leitura socio-histórica da etnicidade em Moçambique”. *Discussion Paper 1*, IESE: Maputo.

VOA Português (2017). *Radar Magreve Lusófono #5: ‘Al-Shabab no norte de Moçambique, ou a necessidade de criar uma No Go Zone?’* Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/radar-magreve-lusofono-5-al-shabab-norte-mocambique/4085480.html>.

² Para mais detalhes, ver Chichava (2008).
³ Idem.